

# LEITURA E LITERATURA NO SÉCULO XIX: CONSIDERAÇÕES NAS CARTAS E CRÔNICAS DE ALUÍSIO AZEVEDO

CASSIO DANDORO CASTILHO FERREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ).

## Resumo

Esta comunicação tem por objetivo observar as condições de recepção e produção de obras literárias no século XIX brasileiro, tendo como parâmetro as considerações presentes em cartas e crônicas do escritor maranhense Aluísio Azevedo (1857–1913). Se parte da crítica da época afirmava que Aluísio foi um dos primeiros homens a viver das Letras no Brasil, seus apontamentos parecem de extrema importância para traçar um panorama sobre a leitura, a recepção e a circulação de romances naquele período. Muitas de suas cartas e crônicas publicadas na imprensa da época demonstram a dificuldade da formação de um público leitor já no século XIX, dificuldade esta que podemos perceber na própria decisão de Aluísio de abandonar a Literatura e dedicar-se exclusivamente à carreira pública. Esta decisão, tomada por um dos romancistas de maior prestígio na época, parece apontar exatamente para a falta de um público que pudesse assimilar, acolher e divulgar a produção oitocentista brasileira. Outro aspecto interessante de ser analisado passa pelo próprio projeto literário de Aluísio: mesmo filiado a uma estética naturalista, grande parte da obra do escritor maranhense é constituída por romances folhetinescos, de grande popularização e recepção naquele período, o que em partes dificultou a construção de seu projeto literário, que seria abandonado em detrimento de um cargo de cônsul no exterior.

## Palavras-chave:

Aluísio Azevedo, Romance Brasileiro, Público Leitor.

## I. Introdução

Aluísio Azevedo não legou à literatura brasileira apenas romances naturalistas. A vasta obra do autor maranhense engloba uma série de trabalhos nas mais diferentes áreas. De sua produção, podemos destacar, além dos romances naturalistas, os romances de folhetim, as peças de teatro, os relatos de viagens, as crônicas e os artigos de imprensa. Boa parte dessa produção atualmente é relegada a um segundo plano. Ganham destaque, ou são alvo de estudos, seus três grandes romances: *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890). As demais produções merecem, quando muito, um estudo acadêmico que não alcança maiores proporções. Porém, creio que essa produção à parte pode e muito nos ajudar a compreender os meios de produção da obra de Aluísio Azevedo, entendendo assim a construção de seu projeto literário.

A disponibilidade destes materiais parece mais escassa que os estudos sobre os mesmos. Uma das raras exceções, no caso de Aluísio, deve-se à publicação de sua obra completa, pela editora Briguiet no começo da década de 1930, e que foi republicada anos mais tarde pela editora Martins. Quando lançou a *Coleção de Obras Completas de Aluísio Azevedo*, a editora *Briguiet* incluiu entre os 13 volumes um 14º com trabalhos avulsos de Aluísio. Neste volume, que levou o título de *O Touro Negro*, em referência a uma crônica de 1910 presente neste, encontramos muitas cartas que Aluísio dirigia a amigos e leitores, que já haviam sido publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Também estão presentes no volume muitas crônicas de Aluísio publicadas em diversos periódicos da época como *Gazetinha*, *O Combate*, *O País*, etc. Estas crônicas estão enfaixadas dentro do

volume com o título de *Vida Literária*, uma referência direta ao principal assunto de todas elas.

Nestas crônicas e cartas, encontramos um Aluísio capaz de enxergar inúmeros problemas pelos quais a produção literária do Brasil do XIX passava. Problemas estes que vão do reduzido mercado editorial à escassez de um público, como veremos mais adiante. Uma rápida olhada sobre este material ajuda-nos não só a compreender em parte a produção do escritor maranhense, como também as questões que englobam problemas de circulação e (re)produção de materiais literários no Brasil do XIX. É sobre este material, quase que desconhecido da produção de Aluísio Azevedo, que passamos a debruçar-nos agora.

## II. O escritor frente à crítica do público

A primeira crônica presente na sessão *Vida Literária* do volume *O Touro Negro*, é na verdade uma resposta de Aluísio a um leitor de seus romances, que então lhe enviara uma carta com anotações sobre o romance *Memórias de um condenado* (1882), que na época estava sendo publicado em folhetim no jornal *Gazetinha*, do Rio de Janeiro. Na crônica, em que Aluísio se dirige ao leitor Giovani de maneira bastante próxima, ele deixa claro a importância deste tipo de contato com seus leitores: "Estou reconhecido pelas palavras lisonjeiras que me dedicas e mais ainda pelo interesse que mostras pelas minhas produções. Nada é tão agradável para quem escreve, como saber que seus escritos preocupam de qualquer forma a atenção de quem quer que seja." (AZEVEDO, 1954: 49).

Fato bastante curioso é que Aluísio aceita a proposta do leitor para fazer anotações sobre seu romance *O Mulato*. Mas afirma que sente em não possuir um exemplar do livro para enviar a Giovani. E completa: "Hoje é muito difícil encontrar um volume *d'O Mulato*." (AZEVEDO, 1954: 50). Informação interessante, pois *O Mulato*, segundo romance do autor, havia sido publicado um ano antes desta crônica, em 1881. A segunda edição do mesmo só viria à luz sete anos depois, em 1889. E como já apontou Luciana Stegagno-Picchio em sua *História da Literatura Brasileira*, *O Mulato*, publicado em São Luis do Maranhão, causou muito mais escândalo no Rio de Janeiro que a obra prima machadiana *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicada no mesmo ano. Aqui já vemos um dos problemas pelos quais a circulação de obras literária passava no Brasil de então, a baixa tiragem das edições. Um livro que causara bastante furor no meio literário da época já se encontrava praticamente esgotado um ano depois e só voltaria a público oito anos mais tarde. Muitos autores também tiveram livros que ficaram um longo período de tempo sem uma segunda edição, como é o caso de Machado de Assis e seu primeiro romance, *Ressurreição*, que teve sua primeira edição em 1872 e a segunda apenas em 1905, pela Editora Garnier.

A publicação de romances em folhetim também é um assunto abordado por Aluísio Azevedo nesta crônica. Aluísio afirma que o leitor Giovani havia levado muito a sério o folhetim *Memórias de um condenado*, pois enquanto este não aparecia em volume (ou seja, no formato livro) não mereceria desvelos. Diz Aluísio: "Romance de *au jour le jour*, escrito para acudir às exigências de uma folha diária, está, como facilmente se pode julgar, eivado de erros e descuidos, que só na revisão para o volume poderão desaparecer." (AZEVEDO, 1954: 50).

Segue-se a essa afirmação uma série de exemplos de erros tipográficos que apareceram na publicação do folhetim. Erros que muitas vezes, como afirma Aluísio, se transformavam em uma verdadeira calamidade.

A escrita de romances em folhetim foi um dos meios pelos quais Aluísio conseguiu sobreviver da literatura, sendo um dos primeiros escritores a viver exclusivamente das letras. Valentim Magalhães declarou em Lisboa em 1896: "Aluísio Azevedo é no Brasil talvez o único escritor que ganha o pão exclusivamente a custa da sua pena. Mas note-se que apenas ganha o pão; as letras no Brasil ainda não dão para a manteiga." (MAGALHÃES, apud MERIÁN, 1984: 402).

Quando Aluísio resolveu dedicar-se exclusivamente à escrita, parte de seu projeto literário teve de ser sacrificado, pois o meio mais fácil de ganhar dinheiro com a literatura era publicando romances em folhetins diários. É bastante conhecida a insatisfação de Aluísio em relação a isso. Em carta datada de 25 de novembro de 1884, dirigida a seu amigo, o deputado Afonso Celso de Assis Figueiredo para solicitar um cargo administrativo, Aluísio afirma: "Repito: seja lá o que for - tudo serve; contanto que eu não tenha de fabricar *Mistérios da Tijuca* e possa escrever *Casas de Pensão*." (AZEVEDO, 1954: 175). O cargo público almejado por Aluísio possibilitaria que o autor pudesse se dedicar a seu projeto literário, deixando de lado a fabricação de romances em folhetim. Se analisarmos toda a obra de Aluísio Azevedo, podemos perceber o quanto a falta de incentivo para os escritores de então, e mesmo a falta de público para as obras, prejudicaram o seu percurso no mundo das letras. De 12 romances publicados, pelo menos oito mostram características claras dos romances folhetins ou foram publicados nestes meios. Cabe ressaltar aqui que a crítica até hoje parece confusa em relação à distinção do termo folhetim, pois ao mesmo tempo que este indica um modo de reprodução, indica também um gênero narrativo. Temos o folhetim, meio pelo qual eram publicados os romances dentro de periódicos, em sua maioria diariamente; e temos o folhetim como gênero; cheio de intrigas, situações improváveis, utilização por parte do autor de certos artifícios para manter o interesse do leitor, entre outras características. No caso específico de Aluísio Azevedo, grande parte desses oito romances que destoam de sua filiação naturalista, possuem a dupla marca: foram publicados em folhetim e apresentam as características típicas dos romances do gênero.

Mesmo assim, quando estes romances saíam em volume, Aluísio mudava-os em grande parte, alterando parte do enredo e corrigindo muitas das gralhas tipográficas. Só aí, afirma Aluísio, os romances mereceriam o desvelo do público e da crítica.

Aluísio termina a crônica solicitando que Giovani volte a escrever-lhe, desta vez falando um pouco sobre a concepção artística de seus trabalhos. O que aponta mais uma vez para a preocupação de Aluísio em produzir obras de arte e não meros romances de leitura ligeira.

### **III. O escritor frente a outros escritores da época**

As outras cinco crônicas presentes na sessão *Vida Literária* de *O Touro Negro*, colocam Aluísio Azevedo frente a outros escritores do final do século XIX, e frente a problemas da produção literária da época. Na segunda crônica, intitulada *Colaboração*, Aluísio fala sobre a troca de favores nas quais se vê um escritor, quando os amigos e conhecidos passam a solicitar algum escrito por parte deste. A crônica trata da dificuldade em atender todos os pedidos, que acabam acumulando-se em "vinte, trinta, cem, mil artigos, destinados aos fins mais diversos" (AZEVEDO, 1954: 52). O tom de *blague* percorre toda a crônica, principalmente quando Aluísio passa a enumerar os tipos de pedidos (AZEVEDO, 1954):

Este deseja que lhe escrevamos um anúncio de gosto, com que ele possa chamar a atenção do público sobre os seus queijos ou sobre os seus chapéus de pêlo: aquele quer apenas que lhe façamos uma boa resposta a uma certa carta que lhe enviou certa e determinada pessoa; estoutro não exige de nós senão uma página no seu álbum; aqueloutro contenta-se com um discurso que ele tem de pronunciar por ocasião do aniversário natalício de seu sócio; aqui é uma reclamaçãozinha pela imprensa a respeito dos escândalos que se dão em tal rua; ali uma introdução para o livro de um amigo e colega que vai estrear; mais adiante um artiguinho para encher o número do jornal, que nesse dia está fraco. Hoje - a poliantéia do senhor fulano; amanhã - o número especial da folha do Dr. Beltrano; depois - folhetim sobre os trabalhos de cicrano, rodapé pr'a cá, artigo de fundo p'ra lá, crônica para acolá. Uf! É um nunca terminar de pequeninas maçadas que, reunidas são o bastante para nos amargurar a existência. Chega-se a perder o gosto de sair de casa, de procurar os amigos de fazer a sua palestra; porque a cada passo surge-nos um dos tais credores de artiguinhos e pensamentos filosóficos. (p. 52-53).

Na terceira crônica, Aluísio narra o encontro com um dos grandes escritores da época, hoje praticamente desconhecido, Ernesto Branco. Aluísio percebe no escritor um surdo desgosto, principalmente após perguntar-lhe qual era seu novo livro. Segundo Aluísio: "Ernesto era desses artistas que, quanto mais produzem, melhor e mais acabado querem produzir; desses que, ao terminar uma obra, pensam logo em principiar outra, porque aquela lhes parece ainda incompleta e falhada." (AZEVEDO, 1954: 55). Porém a resposta de Ernesto à insistente pergunta de Aluísio acaba por deixá-lo ainda mais espantado. Segundo Ernesto, "não vale a pena" escrever, pois, seus únicos três leitores o haviam abandonado. E conclui: "Mas trabalhar para que? Por quê? Para quem? Em que língua? Nesta que falamos? Mas isso é escrever para a família; isso é o mesmo que falar para dentro de um garrafão vazio! É ridículo escrever na língua portuguesa." (AZEVEDO, 1954: 57).

Aluísio chegaria a uma conclusão semelhante a esta no fim de sua carreira, quando conseguiu o cargo de cônsul, segundo relato de Coelho Netto, em *Frutos do tempo* (1928) (NETTO, apud MERIÁN):

- Que romances, contos? ... estás doido! Vou ser cônsul e nada mais. De literatura estou farto. Achas que sofri pouco? Vou viver um bocado; gozar a vida a relógio, almoçando e jantando a horas certas, e dormindo bem, sem a preocupação do credor. Romances e contos... Só se eu tirasse a sorte grande na Espanha. Ainda assim... não sei. (p. 598).

Afirmção que põe por terra o plano de Aluísio de conseguir um cargo público para dedicar-se a escrita de romances, que não os folhetinescos, como vimos na carta a Afonso Celso, de 1884.

Ernesto acaba por enumerar para Aluísio uma série de problemas que a escrita em língua portuguesa trazia. Desde a dificuldade da língua em si até a falta de prestígio e de vocabulário técnico que esta apresentava.

A quarta crônica da sessão é uma crítica de Aluísio a um livro de contos publicado por Alexandre Gasparoni, intitulado *Contos de um Dilettanti*. Apesar de louvar o talento do escritor, Aluísio critica a informação presente no prólogo do livro. Nele, Gasparoni declara não ter filiações artísticas nem literárias. Faz contos, "para matar o tempo e divertir os amigos." (AZEVEDO, 1954: 60). Aluísio discorda deste sistema, pois para ele "a arte é cousa muito séria e respeitável para ser cultivada assim, nas horas vagas, descansando de outros trabalhos." (AZEVEDO, 1954: 61). Segue-se então uma série de considerações de Aluísio sobre o estatuto da arte. Entre elas, Aluísio afirma que a arte pertence ao público, à nação, à crítica, e acaba usando de ironia para marcar a importância do escritor e de sua profissão (AZEVEDO, 1954):

Mas valha-me Deus! Se não é escritor, não escreva! Se não é pintor, não pinte! Se não é flautista, para que se meter a tocar flauta fora de casa, em concertos públicos? Isto faz-me lembrar certos quadros que às vezes se expõem por aí com esta declaração por baixo: " O autor não aprendeu desenho!" Como se fôsse preciso semelhante declaração, quando o quadro aí está para não deixar dúvidas a êsse respeito. (p. 62).

Uma das considerações mais importantes, e que a crítica curiosamente tem deixado de lado até então, está presente nesta crônica. Aluísio critica o fato de Gasparoni afirmar que para escrever se inspirou em três mestres da literatura francesa: Alfonse Daudet, Guy de Mupassant e Paul Bourget. Aluísio aconselha o autor a mudar de mestres e termina com uma colocação no mínimo curiosa (AZEVEDO, 1954):

Além de que, não há necessidade de pedir esmolas à literatura francesa, tendo a quem recorrer na própria, e até aqui mesmo, em nossa querida pátria. Volva o Sr. Gasparoni as vistas para Machado de Assis, para Lúcio de Mendonça, para Raul Pompéia, para Artur Azevedo e para os nossos outros bons narradores de contos e me dirá se o engano! (p. 63-64).

Sendo Aluísio Azevedo o maior expoente da escola naturalista brasileira, esta sugestão dada a Alexandre Gasparoni é bastante interessante para ser analisada. Os modelos principais para a construção da obra de Aluísio eram dois escritores estrangeiros: o português Eça de Queiroz e o francês Emile Zola, o mestre da escola naturalista. Portanto, a afirmação de que Gasparoni deveria voltar-se para os autores brasileiros e não pedir esmolas à literatura francesa (a mesma de Zola) parece colocar Aluísio em uma profunda contradição. Imitar os modelos estrangeiros ou buscar a originalidade e a nacionalidade? Para responder a esta pergunta, seria necessário um estudo muito mais aprofundado sobre a obra de

Aluísio, que infelizmente não cabe no espaço deste artigo. Porém, apenas o fato de apontar este curioso conselho de Aluísio para Gasparoni, faz-nos repensar muitas das afirmações que a crítica vem colocando até então.

Na penúltima crônica da sessão, intitulada *Do vendeiro ao poeta*, Aluísio Azevedo fala sobre a distância que ainda faltava para o Rio de Janeiro ser uma cidade artística e um centro literário. Na segunda parte da crônica Aluísio estende essa afirmação para todo o território brasileiro e ironiza: "infelizmente a vida literária no Brasil é uma coisa tão hipotética como a vida elegante na costa d'África." (AZEVEDO, 1954: 70). Aluísio ainda fala o quanto o território brasileiro é propício para a literatura e termina a crônica dizendo: "definitivamente, não vejo razões para não haver comédias, dramas, romances e poemas!" (AZEVEDO, 1954: 72). Mais uma vez Aluísio aponta, nesta crônica, para o escasso mercado do livro da época. Afirmação corroborada por Araripe Júnior em crônica de 1882, publicada no jornal *Gazeta da Tarde* do Rio. Diz o crítico (ARARIPE JÚNIOR, apud MERIÁN, 1984):

O movimento literário em nossa terra é tão moderado que muita gente mal suspeita a sua existência. Ele existe é verdade, mas como existem as coisas obscuras, sem brilho, sem apresentação, sem coragem. Apenas os observadores de profissão, regulando-se pela lei do ritmo, podem afirmar em consciência que no Brasil há uma literatura e que esta literatura, bem ou mal vai-se desenvolvendo. (p. 350).

Aluísio tenta achar uma justificativa para isso na última crônica da sessão *Vida Literária*, intitulada *Literatura Nacional*. Segundo ele, a culpa dos poucos volumes publicados não é dos escritores, e sim das dificuldades que haviam para se publicar qualquer trabalho. Aluísio dá um exemplo com uma experiência própria. Conta que pagara adiantado para a publicação de um livro de contos, e um ano e meio depois não havia visto uma única página impressa. Esta crônica de Aluísio gerou insatisfação por parte de alguns escritores e disso ele dá conta na parte II da mesma. Ao encontrar o romancista Ernesto Branco, Aluísio escuta que sua crônica era uma infâmia, algo que metia a ridículo algo tão sério como a "sagrada e imaculada arte de escrever". (AZEVEDO, 1954: 77). Após uma longa discussão sobre o tema, com Ernesto Branco, Aluísio termina a crônica apontando para uma função política da literatura: "Por isso mesmo que o Brasil chora de dor; por isso que o Brasil é traído, é saqueado, é reduzido a ruínas, é que os poetas deviam erguer-se cheios de indignação e arrancar das líras, ao menos para dar com elas na cabeça do govêrno!" (AZEVEDO, 1954: 78).

Porém nenhum dos argumentos de Aluísio convencem a Ernesto Branco, para o qual "a arte nasceu para cantar, e não para chorar" (AZEVEDO, 1954: 80). O mesmo Ernesto que, ao encontrar Aluísio anteriormente, como narrado na terceira crônica, apresentava um profundo desgosto frente às letras nacionais.

#### **IV. Uma breve conclusão**

Este artigo se propôs a debruçar-se sobre uma parte da produção de Aluísio Azevedo muitas vezes ignorada pela crítica. Nestas crônicas e cartas, presentes no volume *O Touro Negro*, encontramos um Aluísio atento à produção do século XIX e capaz de fazer interessantes observações sobre a produção literária da época.

Ainda que superficialmente, tentei levantar alguns aspectos presentes neste material, para que um novo olhar sobre a produção literária do nosso XIX fosse lançado. Na maioria das vezes, a crítica apenas se debruça sobre a produção literária; romances, contos, etc.; deixando de lado o meio no qual essas produções eram escritas e para quem eram dirigidas. Nos últimos anos, alguns estudos fizeram um levantamento do panorama de então, resultando em trabalhos bastante interessantes. Para a construção deste artigo, foi essencial a consulta a dois estudos, entre alguns que tratam da leitura no século XIX. O estudo do professor Hélio de Seixas Guimarães, *Os Leitores de Machado de Assis- o romance machadiano e o público de literatura no século 19* (2004), que dá um excelente panorama da época e apresenta dados bastante interessantes; e o capítulo *Escritores em busca de um público*, do trabalho sobre a obra de Aluísio Azevedo, escrito pelo professor Jean-Yves Mérian (1984), que insere a obra de Aluísio nas condições de leitura do Brasil do século XIX.

A partir deste estudo, podemos pensar como muitos destes problemas apontados por Aluísio atravessaram o século XX e chegaram até os nossos dias e como outros já foram superados. Porém é certo que, muitos desses problemas permanecem à espera de uma solução.

#### **REFERÊNCIAS:**

AZEVEDO, Aluísio. *O Touro Negro*. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris, 1988.

MEYER, Marlyse. *Folhetim - uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STEGNANO-PICCHIO. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.